Saúde em Debate 320
direção de
Gastão Wagner de Sousa Campos
José Ruben de Alcântara Bonfim
Maria Cecília de Souza Minayo
Marco Akerman
Yara Maria de Carvalho
ex-diretores
David Capistrano Filho
Emerson Elias Merhy
Marcos Drumond Júnior

É por certo a saúde coisa mui preciosa, a única merecedora de todas as nossas atenções e cuidados e de que a ela se sacrifiquem não somente todos os bens mas a própria vida, porquanto na sua ausência a existência se nos torna pesada e porque sem ela o prazer, a sabedoria, a ciência, e até a virtude se turvam e se esvaem.

— Michel Eyquem de Montaigne (1533-1592).
Ensaios. "Da semelhança dos pais com os filhos".
Trad. Sérgio Milliet

SAÚDE EM DEBATE

TÍTULOS PUBLICADOS APÓS DEZEMBRO DE 2017

Saúde, Sociedade e História, Ricardo Bruno Mendes-Gonçalves, José Ricardo Ayres & Liliana Santos (orgs.)
Caminhos do aprendizado na Extensão Universitária: educação popular e a pedagogia da participação estudantil na experiência da articulação nacional de extensão popular (Anepop), Pedro José Santos Carneiro Cruz & Eymard Mourão Vasconcelos
Políticas e Riscos Sociais no Brasil e na Europa: Convergências e Divergências, Isabela Soares Santos & Paulo Henrique de Almeida Rodrigues (orgs.)
Investigação sobre Cogestão, Apoio Institucional e Apoio Matricial no SUS, Gastão Wagner de Sousa Campos, Juliana Azevedo Fernandes, Cristiane Pereira de Castro & Tatiana de Vasconcellos Anéas (orgs.)
O Apoio Paideia e Suas Rodas: Reflexões sobre Práticas em Saúde, Gastão Wagner de Sousa Campos, Mariana Dorsa Figueiredo & Mônica Martins de Oliveira (orgs.)
Trabalhar no SUS: gestão do trabalho, repercussões psicossociais e política de proteção à saúde, Francisco Antonio de Castro Lacaz, Patrícia Martins Goulart, Virginia Junqueira
Práticas e Saberes no Hospital Contemporâneo: o Novo Normal, Daniel Gomes Monteiro Beltrammi & Viviane Moreira de Camargo (orgs.)
Corpo e pensamento: espaços e tempos de afirmação da vida na sua potência criadora, Valéria do Carmos Ramos, Maximus Taveira Santiago & Paula Cristina Pereira (orgs.)
História da Saúde no Brasil, Luiz Antonio Teixeira, Tânia Salgado Pimenta & Gilberto Hochman (orgs.)
Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes: Interpretações Plurais e Modos de Enfrentamento, Suely Ferreira Deslandes & Patrícia Constantino (orgs.)
Educação Popular em Saúde: Desafios Atuais, Pedro José Santos Carneiro Cruz (org.)
Educação Popular no Sistema Único de Saúde, Bruno Oliveira de Botelho, Eymard Mourão Vasconcelos, Daniela Gomes de Brito Carneiro, Ernande Valentin do Prado & Pedro José Santos Carneiro Cruz (orgs.)
Formação e Educação Permanente em Saúde: Processos e Produtos no Âmbito do Mestrado Profissional, volume 2, Lucia Cardoso Mourão, Ana Clementina Vieira de Almeida, Marcos Paulo Fonseca Corvino, Elaine Antunes Cortez & Rose Mary Costa Rosa Andrade Silva (orgs.)
História, Saúde Coletiva e Medicina: Questões Teórico-Metodológicas, André Mota e Maria Cristina da Costa Marques (orgs.)
O médico Alienado: Reflexões Sobre a Alienação do Trabalho na Atenção Primária à Saúde, Lilian Terra
Estudos sobre teoria social e saúde pública no Brasil, Aurea Maria Zöllner Ianni
O Apoio Institucional no SUS: os Dilemas da Integração interfederativa e da cogestão, Nilton Pereira Júnior
Estado e Sujeito: a Saúde entre a Micro e a Macropolítica… de Drogas, Tadeu de Paula Souza
Organizações Sociais: Agenda Política e os Custos para o Setor Público da Saúde, Francis Sodré, Elda Coelho de Azevedo Bussinger & Ligia Bahia (orgs.)
Privados de la Salud: las Políticas de Privatización de los Sistemas de Salud en Argentina, Brasil, Chile y Colombia, María José Luzuriaga
Dicionário de Empresas, Grupos Econômicos e Financeirização na Saúde, Júlio César França Lima (org.)
Vulnerabilidades e saúde: grupos em cena por visibilidade no espaço urbano, Glória Lúcia Alves Figueiredo, Carlos Henrique Gomes Martins & Marco Akerman (orgs.)
Escola para todos e as pessoas com deficiência: contribuições da terapia ocupacional, Eucenir Fredini Rocha, Maria Inês Britto Brunello & Camila Cristina Bortolozzo Ximenes de Souza (orgs.)
A Ampliação do Processo de Privatização da Saúde Pública no Brasil, Jilia Amorim Santos
Escola para todos e as pessoas com deficiência: contribuições da terapia ocupacional, Eucenir Fredini Rocha, Maria Inês Brito Brunello, Camila Cristina Bortolozzo Ximenes de Souza
Bases Teóricas dos Processos de Medicalização: um olhar sobre as forças motrizes, Paulo Frazão e Marcia Michie Minakawa
Corpo com deficiência em busca de reabilitação? A ótica das pessoas com deficiência física, Eucenir Fredini Rocha
Crianças e adolescentes com doenças raras: narrativas e trajetórias de cuidado, Martha Cristina Nunes Moreira, Marcos Antonio Ferreira do Nascimento, Daniel de Souza Campos & Lidiane Vianna Albernaz (orgs.)
Bases da toxicologia ambiental e clínica para atenção à saúde: exposição e intoxcação por agrotóxicos, Herling GregorioAguilar Alonzo & Aline de Oliveira Costa
Pesquisar com os pés: deslocamentos no cuidado e na saúde, Rosilda Mendes, Adriana Barin de Azevedo & Maria Fernanda Petroli Frutuoso (orgs.)
Percepções amorosas sobre o cuidado em saúde: estórias da rua Balsa das 10, Julio Alberto Wong Un, Maria Amélia Medeiros Mano, Eymard Mourão Vasconcelos, Ernande Valentin do Prado & Mayara Floss
Atividades humanas e Terapia Ocupacional: saber-fazer, cultura, política e outras resistências, Carla Regina Silva (org.)
A experiência do PET-UFF: composições de formação na cidade, Ana Lúcia Abrahão & Ândrea Cardoso Souza (orgs.)
Olhares para a saúde de mulheres e crianças: reflexões na perspectiva das boas práticas de cuidado e de gestão, Maria Auxiliadora Mendes Gomes, Cynthia Magluta & Andreza Rodrigues Nakano (orgs.)
Técnicas que fazem olhar e da empatia pesquisa qualitativa em ação, Maria Cecília de Souza Minayo & António Pedro Costa
Tempos cruzados: a saúde coletiva no estado de São Paulo 1920-1980, André Mota
Unidade Básica: a saúde pública brasileira na TV, Helena Lemos Petta
Decisões políticas e mudanças limitadas na saúde, Carmem E. Leitão Araújo
Ambulatório de especialidades: subsídios conceituais e organização de serviços a partir das experiências da enfermagem, Carla Aparecida Spagnol & Isabela Silva Câncio Velloso (orgs.)
Clínica Comum: fragmentos de formação e cuidado, Angela Aparecida Capozzolo, Viviane Santalucia Maximino, Sidnei José Casetto & Virgínia Junqueira (orgs.)
Contribuições do Mestrado Profissional para o ensino da enfermagem: experiências inovadoras no âmbito do SUS, Cláudia Mara de Melo Tavares, Lucia Cardoso Mourão, Ana Clementina Vieira de Almeida & Elaine Antunes Cortez (orgs.)
O método apoio como ferramenta de prevenção e enfrentamento da judicialização da saúde no SUS, Tarsila Costa do Amaral
Quando a história encontra a saúde, Ricardo dos Santos Batista, Christiane Maria Cruz de Souza & Maria Elisa Lemos Nunes da Silva (orgs.)
Entre o Público e o Privado: Hospital São Paulo e Escola Paulista de Medicina (1933 a 1988), Ana Nemi
Sobre a pandemia: experiências, tempos e reflexões, André Mota (org.)

AS DEMAIS OBRAS DA COLEÇÃO "SAÚDE EM DEBATE" ACHAM-SE NO FINAL DO LIVRO

Sobre a pandemia

EXPERIÊNCIAS, TEMPOS & REFLEXÕES

André Mota
organizador

Sobre a pandemia

EXPERIÊNCIAS, TEMPOS & REFLEXÕES

São Paulo, 2021
HUCITEC EDITORA

© Direitos autorais, 2020, da organização de
André Mota
© Direitos de publicação reservados por
Hucitec Editora Ltda.
Rua Dona Inácia Uchoa, 209
04110-020 São Paulo, SP.
Telefones (55 11 3892-7772 3892-7776)
www.lojahucitec.com.br
comercial@huciteceditora.com.br

Depósito Legal efetuado.

Direção editorial
Mariana Nada

Produção editorial
Kátia Reis

Assistência editorial
Mariana Bizzarro Terra

Circulação
Elvio Tezza

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

S661

Sobre a pandemia : experiências, tempos & reflexões / [José Luís Câmara Leme ... [et al.]] ; organização André Mota. – 1. ed. – São Paulo : Hucitec, 2021.
349 p. ; 21 cm. (Saúde em debate ; 320)

Inclui índice
ISBN 978-85-86039-67-2

1. Coronavírus – (Covid-19). 2. Epidemias – Aspectos sociais. 3. Epidemias – Aspectos psicológicos. I. Leme, José Luís Câmara. II. Mota, André. III. Série.

21-68860 CDD: 303.485
CDU: 316.4:(616.98:578.834)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Sumário

Apresentação 11

Primeira parte:
textos, tempos e reflexões

As Trevas da Terra: Arendt, o Vírus e a Crise 19
José Luís Câmara Leme

Autonomia e medicalização em tempos de Covid-19 34
Denise Bernuzzi de Sant'Anna

A morte indignada: a banalização do adoecer e do morrer em tempo de pandemia 50
Claudio Bertolli Filho

A dimensão algorítmica do rumor público e o viver na pandemia 77
Luciana Salazar Salgado

Pandemia de Covid-19: entre palcos e telas 100
Dilene Raimundo do Nascimento, Eliza da Silva Vianna & Marcos Roma Santa

Pessoas em situação de rua e Covid-19: reflexões sobre integração social, autocuidado e políticas públicas 127
Igor da Costa Borysow & Maria Manuela da Costa Manaia

Apocalipse viral: política, ciência e a ameaça negacionista 150
Marcelo de Trói & Wagner Quintilio

O Hospital São Paulo e o Sistema Único de Saúde diante da pandemia: o labirinto do financiamento 171
Ana Nemi

Covid-19 e a história pública: uma reflexão sobre o ofício do historiador 194
Ricardo dos Santos Batista

Corpos, corporeidades e a relação indivíduo-sociedade: a Covid-19 como pano de fundo da vida cotidiana brasileira 211
Rosana Machin, Marcia Thereza Couto & André Mota

Epidemias e História: das lições do passado ao pensamento crítico em Saúde Coletiva 231
Maria Cristina da Costa Marques, Anna Cristina Rodopiano de Carvalho Ribeiro & André Mota

Segunda parte:
experiências, práticas e trabalho

A Vigilância Sanitária na pandemia da Covid-19: novos desafios para a proteção da saúde 251
Ana Maria de Azevedo Figueiredo de Souza, Luiz Antônio Dias Quitério, Maria Filomena de Gouveia Vilela & Maria Cristina da Costa Marques

Duzentos anos de discussão: história da saúde pública, pobreza e Covid-19 275
Rafael Mantovani

Vozes da gestão I: Coordenadoria de Controle de Doenças (CCD) da Secretaria do Estado da Saúde de São Paulo/Centro de Operações de Emergência Estadual de São Paulo – Covid-19 282
Paulo Rossi Menezes (entrevista)

Vozes da gestão II: Núcleo de Vigilância Epidemiológica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (NUVE)/Comitê de Emergência HC-FMUSP 298
Izabel Marcílio (entrevista)

Considerações sobre a vacinação prioritária contra Covid-19 para trabalhadores da saúde no Brasil 315
Mário Scheffer

Querido Paulo Freire, apesar de tudo, estou bem 330
Rozélia Bezerra

Sobre os autores 345

Apresentação

Ah, comigo o mundo vai modificar-se.
Não gosto do mundo como ele é.

Carolina Maria de Jesus, 1982

A coletânea *Sobre a pandemia: experiências, tempos e reflexões* reúne uma plêiade de pesquisadores e intelectuais que voltaram sua atenção e suas áreas de especialidade para a pandemia do Coronavírus. Na primeira parte, coligimos estudos temáticos diversos, possibilitando a apreensão da complexidade que nos cerca diante da pandemia e deste tempo presente. Na segunda, o leitor encontra um farto material produzido como comunicações, notas técnicas, entrevistas de gestores e remissivas, formatos diversos a espelhar expectativas distintas da fala e da escrita. Ao fim e ao cabo, essa obra responde a seu próprio título, pois trata de experiências vividas, do tempo de pessoas reais e de suas reflexões sobre o flagrante momento em

que pensam e escrevem, objetivando animar expectativas de futuro como o fogo que ilumina a noite escura, tentando firmar os pés no chão quando o sentimento é de um intenso vendaval.

Nosso ponto de partida...

No caso das sociedades ocidentais e desde a modernidade, a medicina e os médicos procuraram intervir no corpo individual e social lidando com doenças, endemias e epidemias, num processo de discursos e práticas cada vez mais cientificizados, com uma dose de "otimismo que revelaria a mesma ilusão que nos faz esquecer de que somos mortais".[1]

Assim, já na década de 1970, diversas pessoas tinham anunciado, por meio de estudos, palestras e aulas, o fim de um ciclo histórico vivido: não apenas o fim das epidemias, mas também o das doenças infecciosas, ao menos nos países industrializados. A chegada da Aids nos anos de 1980 e a emergência de novos tipos de vírus, como o H1N1, puseram em xeque essa certeza de vitória: "como disse Albert Camus em sua obra *A peste*: todo mundo tem mais ou menos a peste, somos todos pestíferos, mas é necessário muito esforço para não transmiti-la. Nós nos cansamos, então a peste chega".[2]

Ao retornarmos para um passado que não passou, podemos dizer que, nos tempos atuais, há a necessidade de olharmos esses fenômenos como "sintomas sociais" produzidos pela ideologia do progresso, justamente na combinação de um estado clínico considerado desvio ou anormalidade diante do sistema socioeconômico imposto: "a doença tão depressa se manifesta como uma forma de resistência passiva à organização do trabalho, à injustiça e à desigualdade; tão depressa, pelo

1 Anne Marie Moulin. Os frutos da ciência. In: LE GOFF, Jacques (Org.). *As doenças têm história*. Lisboa: Terramar, 1991, p. 95.
2 Idem, p. 97.

contrário, como um efeito da desorganização do trabalho, da insegurança, da pressão que a situação atual exerce".[1]

Mesmo que possamos compreender que o desenvolvimento da ciência ensejou, em escala mundial, uma melhoria constante e geral da saúde desde há mais de um século, decorrendo, em determinados grupos da sociedade, o aumento da esperança de vida, é bom que se diga que ela não entra sozinha em linha de conta. E a observação contrária é igualmente válida: "a saúde nunca se degradou tanto como agora. Isso porque o estado de saúde é um indicador da reação dos indivíduos à mudança de vida a que são submetidos e, desse ponto de vista, a doença e certo conceito de saúde tornam-se um sintoma de mal-estar social [...]".[2]

Mas de que mal-estar tratamos, colocando a pandemia de Covid-19 ao lado de um enredamento contextual que avance seu lugar de fator estritamente biológico, exatamente para estabelecer uma compreensão que possa nos tirar da armadilha de achar que bastaria uma ação tecnológica para um retorno de nossos corpos à tão falada normalidade? O que todos os autores dessa coletânea nos mostram, então, é que essa pandemia não pode ser entendida como um evento isolado, nem territorialmente e nem como um fenômeno biológico individualizado, com data para surgir e possível data para desaparecer. Há um mundo a ser compreendido.

Nessa direção, podemos falar num viver pandêmico em âmbito global, dentro de um sistema neoliberal voltado em sua lógica para propostas hierarquizantes que julgam, por um lado, poder salvar alguns e mais fortes das intempéries do nosso tempo, enquanto os mais fracos sucumbiriam inexoravelmente. Não à toa, preceitos de cunho eugenista tenham reaparecido com força em sua elasticidade discursiva e prática em muitas interpretações, fazendo imergir um ponto central, que nunca

1 Marc Ferro. *As sociedades doentes do progresso*. Lisboa: Piaget, 1999, p. 17.
2 Idem, p. 77.

foi abandonado: a suposição de haver capacidade de se modelarem — e por isso defenderem — grupos e corpos superiores.

Da esterilização compulsória à naturalização da violência e do extermínio, como o caso de Abugraib, das crianças imigrantes enjauladas nos EUA, ou mesmo da falta de balões de oxigênio em hospitais do Brasil, são todos fatos que se entrecruzam mediados por discursos calibrados, explícita ou implicitamente, pela ideia de que tudo isso seria bom e saudável, por limpar a sociedade dos fracos e incapazes, reconduzindo os fortes a seu devido lugar, numa espécie de transumanismo redentor, o canto da sereia a inebriar nossa razão sobre diversas formas de alcançar esse lugar cobiçado, com suas propagandas e tecnologias.

O cálculo, nessas últimas décadas, foi de que poderíamos criar uma saída "nossa", deixando passar ao largo, "os outros": os milhões de famintos, de pessoas que vivem em situação de rua, das vítimas da destruição do meio ambiente, dos que fogem das guerras, dos desempregados e dos subempregados, dos trabalhadores infantis, e, em sua extensão, de tantas inequidades perpetradas pelo racismo, pela misoginia, pelo preconceito e pelo obscurantismo. O corpo humano se subtrairia da dimensão política que o constitui, anestesiando-se da democracia e do cidadão, odiando a diferença, não suportando a alteridade, erguendo um muro de contenção em torno de seus exclusivos valores, buscando para esse objetivo as promessas da riqueza desmedida e apostando todas as suas fichas em qualquer proposta tida por tecnológica que se dissesse capaz de responder a esses desejos, redundando na aceitação de uma determinada bolha social.

Nesse cenário, chegou a pandemia de Covid-19. Imediatamente, era de se supor que a voz da ciência fosse a única capaz de responder a seus dilemas e que a racionalidade científica nos defenderia rapidamente, inclusive, pelo acesso ao mundo digital e pelo pensamento iluminista. No entanto, o

mal-estar social que vinha sendo produzido e foi aprofundado, numa espécie de confronto com a realidade, nos revelou muito distantes dessa miríade. Foi assim que o tal cenário salvador ruiu em poucos meses, confrontando de plano nossos corpos, nossa saúde mental e nossas expectativas de futuro. Logo depois, o tema da vacina imunizante surgiu nesse complexo, apontando, por um lado para uma saída de retomada científica possível, mas ao mesmo tempo indicando que sua possível eficácia só se daria num plano de retomada do social, da ressignificação do coletivo em torno de compromissos solidários e de afeto. Numa corrida sem precedentes, numa velocidade de produção nunca vista, essa discussão trouxe para a cena questões que estavam sendo, justamente, desconsideradas e enevoadas pelos discursos de instituições financeiras e de certos órgãos oficiais, como o direito garantido ao acesso dos serviços essenciais de saúde conjugado às disparidades entre países, sociedades e grupos.

Assim, se tem algum sentido discutir a relação entre as pessoas e a Covid-19, como realizado, ele deve estar, sobretudo, em nossa capacidade de (re) construir conhecimentos, argumentos e práticas que possam não nos fazer viver na espera de uma ação tecnológica redentora, mas de renovar os espíritos em torno de uma outra sociedade, com outros valores, outras premissas e outros sentidos, notando a historicidade que constitui os corpos e suas reações ao mundo onde se inserem nessa trajetória. Por isso, acordar a sociedade anestesiada é um dos maiores desafios da atualidade, pois abrange a disposição para o diálogo, uma outra visão de si e do outro, tendo o direito e acesso à saúde como um valor humano central a ser fortemente defendido. Enquanto permanecermos estáticos diante às injustiças e às desigualdades que hierarquizam corpos e retiram o direito pleno a existência, a ponto de alguns viverem décadas menos que outros, justamente por ser considerados de menor valor no jogo social e porque a saúde

foi subsumida aos critérios de interesses unicamente privados e financeiros, talvez o espectro desta pandemia se mantenha ainda muitas décadas entranhado em nosso viver, com forte probabilidade de recrudescimento. Não mais como um vírus, mas como uma ideologia que o criou e o estabeleceu. A pergunta é se queremos a mudança? Afinal, somos tão-só progresso-futuro, como querem, ou experiência-presente, como podemos ser? Eis o desafio que nos trouxe até aqui.